


**ENTRE AFAGOS E AFETOS: SIGNIFICADOS DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS  
PARA PESSOAS EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO HOSPITALIZADAS**

**BETWEEN AFFECTION AND TENDERNESS: MEANINGS OF ANIMAL-ASSISTED  
THERAPY FOR PEOPLE UNDERGOING CANCER TREATMENT IN HOSPITALS**

**ENTRE EL AFECTO Y LA TERNURA: SIGNIFICADOS DE LA TERAPIA ASISTIDA  
CON ANIMALES PARA PERSONAS QUE RECIBEN TRATAMIENTO CONTRA EL  
CÁNCER EN HOSPITALES**

 <https://doi.org/10.56238/arev8n6-065>

**Data de submissão:** 12/05/2026

**Data de publicação:** 12/06/2026

**Maria Clara Alves França**

Terapeuta Ocupacional

Instituição: Universidade Federal de Sergipe (UFS)

E-mail: aralcguma@icloud.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5687-7923>

**Stephany Conceição Correia Alves Guedes Reis**

Doutora em Terapia Ocupacional

Instituição: Universidade Federal de Sergipe (UFS)

E-mail: stephanyreis@academico.ufs.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8663-997X>

**Ivan Elias de Azevedo**

Graduando em Terapia Ocupacional

Instituição: Universidade Federal de Sergipe (UFS)

E-mail: azevedo.ivan@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9408-1072>

**Rodrigo Alves dos Santos Silva**

Doutor em Terapia Ocupacional

Instituição: Universidade Federal de Sergipe (UFS)

E-mail: rodrigoass@academico.ufs.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0943-4775>

**Márcia Larissa Ferreira de Farias**

Terapeuta Ocupacional

Instituição: Hospital de Urgência de Sergipe

E-mail: marcia.larissa@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3381-0707>

**Raphaella Schiassi Hernandes**

Doutora em Saúde Coletiva

Instituição: Universidade Federal de Sergipe (UFS)

E-mail: rapha-to@academico.ufs.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9290-1003>

## RESUMO

A Terapia Assistida por Animais (TAA) vem sendo utilizada no contexto hospitalar como estratégia de cuidado voltada à ampliação das experiências relacionais e à humanização da atenção em saúde. No campo da oncologia, sua inserção pode favorecer interações afetivas, expressão emocional e ressignificação do cotidiano hospitalar durante o processo de tratamento. Este estudo teve como objetivo compreender os significados atribuídos à Terapia Assistida por Animais no contexto da hospitalização oncológica por usuários, familiares e profissionais envolvidos no cuidado. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-interpretativo, desenvolvida a partir dos pressupostos da pesquisa-ação, considerando a participação direta dos pesquisadores nas atividades realizadas no campo investigado. A produção das informações ocorreu durante ações de Terapia Assistida por Animais realizadas em ambiente hospitalar, com participação de usuários, acompanhantes e profissionais de saúde. Os resultados apontam que a presença dos animais favoreceu experiências relacionadas à afetividade, à comunicação, à aproximação entre profissionais e usuários e à produção de sentidos mais humanizados no contexto da hospitalização. Observou-se ainda que a TAA contribuiu para a construção de momentos de acolhimento e ruptura parcial da lógica estritamente procedimental do cuidado hospitalar. Conclui-se que a Terapia Assistida por Animais pode constituir uma estratégia de cuidado potente no contexto oncológico hospitalar, ao favorecer experiências relacionais e ampliar possibilidades de cuidado para além das dimensões estritamente biomédicas.

**Palavras-chave:** Humanização. Oncologia. Terapia Assistida por Animais. Terapia Ocupacional.

## ABSTRACT

Animal-Assisted Therapy (AAT) has been used in the hospital setting as a care strategy aimed at expanding relational experiences and humanizing healthcare. In the field of oncology, its inclusion can foster affective interactions, emotional expression, and a reinterpretation of daily hospital life during the treatment process. This study aimed to understand the meanings attributed to Animal-Assisted Therapy in the context of oncological hospitalization by patients, family members, and professionals involved in care. This is a qualitative, descriptive-interpretative study, developed from the principles of action research, considering the direct participation of the researchers in the activities carried out in the investigated field. Data collection took place during Animal-Assisted Therapy sessions held in a hospital setting, with the participation of patients, caregivers, and healthcare professionals. The results indicate that the presence of animals fosters experiences related to affectivity, communication, strengthening relationships between professionals and patients, and the construction of more humanized meanings in the context of hospitalization. It is also worth highlighting that AAT contributed to the creation of welcoming moments and a partial break with the procedural logic of hospital care. In conclusion, Animal-Assisted Therapy can constitute a powerful care strategy in the context of hospital oncology, by promoting relational experiences and expanding the possibilities of care beyond biomedical dimensions.

**Keywords:** Humanization of Care. Oncology. Animal-Assisted Therapy. Occupational Therapy.

## RESUMEN

La terapia asistida con animales (TAA) se ha utilizado en el ámbito hospitalario como estrategia de cuidados para mejorar las experiencias relacionales y humanizar la atención sanitaria. En oncología, su inclusión puede fomentar las interacciones afectivas, la expresión emocional y una reinterpretación de la vida cotidiana en el hospital durante el tratamiento. Este estudio tuvo como objetivo comprender los significados atribuidos a la terapia asistida con animales en el contexto de la hospitalización oncológica por pacientes, familiares y profesionales sanitarios. Se trata de un estudio cualitativo,

descriptivo-interpretativo, desarrollado según los principios de la investigación-acción, considerando la participación directa de los investigadores en las actividades realizadas en el campo investigado. La recopilación de datos se llevó a cabo durante sesiones de terapia asistida con animales en un entorno hospitalario, con la participación de pacientes, cuidadores y profesionales sanitarios. Los resultados indican que la presencia de animales fomenta experiencias relacionadas con la afectividad, la comunicación, el fortalecimiento del vínculo entre profesionales y pacientes, y la construcción de significados más humanizados en el contexto de la hospitalización. Cabe destacar también que la Terapia Asistida con Animales (TAA) contribuyó a crear momentos de acogida y a romper parcialmente con la lógica procedimental de la atención hospitalaria. En conclusión, la Terapia Asistida con Animales puede constituir una poderosa estrategia de atención en el contexto de la oncología hospitalaria, promoviendo experiencias relacionales y ampliando las posibilidades de atención más allá de las dimensiones biomédicas.

**Palabras clave:** Humanización. Oncología. Terapia Asistida con Animales. Terapia Ocupacional.

## 1 INTRODUÇÃO

O modelo biomédico permanece como referência predominante nos sistemas de saúde contemporâneos, especialmente em contextos hospitalares, sustentando práticas centradas na doença, nos procedimentos e no controle dos sintomas. Embora tenha contribuído significativamente para os avanços técnico-científicos da medicina, esse modelo frequentemente reduz o cuidado à dimensão biológica do adoecimento, produzindo modos de atenção pouco sensíveis às experiências subjetivas e sociais dos sujeitos.

No contexto da hospitalização oncológica, essa lógica pode intensificar experiências de sofrimento, ruptura do cotidiano e distanciamento das dimensões afetivas e relacionais da vida. O ambiente hospitalar, marcado por protocolos, exames e intervenções constantes, tende a reorganizar a experiência do sujeito em torno do diagnóstico e do tratamento, tornando secundárias suas histórias, desejos e formas singulares de viver o adoecimento.

Em contraposição a perspectivas estritamente biomédicas, práticas voltadas à humanização do cuidado têm buscado ampliar as possibilidades relacionais no ambiente hospitalar, valorizando a escuta, os vínculos e a experiência vivida. Nesse contexto, a Terapia Assistida por Animais (TAA) vem sendo incorporada como estratégia de cuidado capaz de favorecer interações afetivas, expressão emocional e aproximação entre usuários, familiares e profissionais de saúde.

A inserção dos animais no espaço hospitalar produz deslocamentos na dinâmica institucional ao introduzir experiências que extrapolam a lógica estritamente procedimental do cuidado. Mais do que seus possíveis efeitos clínicos, a TAA mobiliza encontros, memórias, afetos e formas de conexão que podem ressignificar, ainda que momentaneamente, a experiência da hospitalização.

A Terapia Ocupacional dialoga de maneira significativa com essa perspectiva ao compreender o cuidado a partir do cotidiano, das relações e das possibilidades de participação dos sujeitos, mesmo em contextos de adoecimento e internação. Assim, práticas como a TAA ampliam possibilidades de cuidado integral ao favorecer experiências significativas no ambiente hospitalar.

Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo compreender os significados atribuídos à Terapia Assistida por Animais no contexto da hospitalização oncológica por usuários, familiares e profissionais envolvidos no cuidado.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O cuidado em saúde, historicamente estruturado a partir do modelo biomédico, foi consolidado com ênfase na doença, nos sintomas e nas intervenções técnicas sobre o corpo. Embora esse paradigma tenha contribuído significativamente para os avanços científicos e tecnológicos da

medicina, sua centralidade frequentemente produziu práticas fragmentadas, nas quais dimensões subjetivas, sociais e relacionais do adoecimento passaram a ocupar lugar secundário. Nesse contexto, o sujeito tende a ser reconhecido prioritariamente pelo diagnóstico, pelo procedimento ou pela condição clínica, o que limita a compreensão do cuidado em sua dimensão integral.

No ambiente hospitalar, especialmente no contexto da oncologia, essas questões tornam-se ainda mais evidentes. O processo de hospitalização frequentemente implica rupturas no cotidiano, afastamento das atividades habituais, mudanças nas relações sociais e intensificação de experiências de sofrimento físico e emocional. Além dos impactos orgânicos produzidos pela doença e pelo tratamento, a hospitalização mobiliza sentimentos relacionados ao medo, à insegurança, às incertezas diante do adoecimento e às limitações impostas pela internação.

Em contraposição a perspectivas estritamente centradas na doença, as políticas de humanização da atenção em saúde passaram a defender a construção de práticas de cuidado pautadas na integralidade, na escuta e na valorização das singularidades dos sujeitos. A Política Nacional de Humanização propõe o fortalecimento de relações mais dialógicas entre usuários, familiares e profissionais de saúde, compreendendo o cuidado como uma produção relacional construída nos encontros cotidianos dos serviços (Brasil, 2004).

Nessa direção, autores como Merhy (2014) e Ayres (2004) apontam que o cuidado em saúde ultrapassa a realização de procedimentos técnicos e envolve dimensões éticas, afetivas e relacionais presentes nos encontros entre sujeitos. O cuidado passa, assim, a ser compreendido não apenas como intervenção sobre a doença, mas como produção de vida, vínculo, acolhimento e construção compartilhada de sentidos frente às experiências de adoecimento.

No contexto da oncologia hospitalar, pensar estratégias que ampliem as possibilidades relacionais e subjetivas do cuidado torna-se particularmente relevante. Entre essas estratégias, destaca-se a Terapia Assistida por Animais (TAA), prática que vem sendo incorporada em diferentes contextos de saúde como possibilidade de favorecer experiências de acolhimento, aproximação e interação durante o processo de hospitalização.

A relação entre humanos e animais atravessa diferentes contextos históricos e culturais, assumindo significados que extrapolam dimensões utilitárias e incorporam aspectos afetivos, sociais e relacionais. Na contemporaneidade, os animais passaram a ocupar lugar cada vez mais presente no cotidiano das famílias e nas experiências de vida dos sujeitos, participando de relações de convivência, cuidado e produção de vínculos.

Estudos apontam que a convivência com animais pode favorecer experiências relacionadas ao conforto emocional, à sensação de companhia e à ampliação das interações sociais, especialmente em

contextos marcados por sofrimento e vulnerabilidade (Beetz et al., 2012). Mais do que possíveis repercussões fisiológicas, a relação humano-animal mobiliza experiências afetivas e relacionais que podem contribuir para a construção de suporte emocional e fortalecimento de vínculos.

No campo da saúde, essas experiências contribuíram para o desenvolvimento da Terapia Assistida por Animais, compreendida como uma intervenção planejada e mediada por profissionais, na qual os animais participam das ações terapêuticas com objetivos voltados à promoção do cuidado e da qualidade de vida (Jofré, 2005). Diferentes estudos descrevem sua utilização em hospitais, serviços de saúde mental, instituições de longa permanência e processos de reabilitação.

No Brasil, destaca-se a contribuição de Nise da Silveira ao reconhecer a importância das relações afetivas entre pacientes e animais no cuidado em saúde mental. Sua prática evidenciava a relevância dos vínculos, das experiências sensíveis e das possibilidades de expressão subjetiva produzidas nos encontros entre sujeitos e animais (Silveira, 1992).

No ambiente hospitalar, a Terapia Assistida por Animais vem sendo utilizada como estratégia complementar de cuidado, especialmente em situações de longa permanência e adoecimento crônico. Estudos descrevem que a presença dos animais pode favorecer interação social, expressão emocional e aproximação entre usuários, familiares e profissionais de saúde, contribuindo para tornar o ambiente hospitalar menos centrado exclusivamente nos procedimentos técnicos e mais aberto às dimensões relacionais do cuidado (Pereira Filho et al., 2019).

Nesse contexto, a presença do animal pode produzir deslocamentos na dinâmica institucional ao favorecer encontros marcados pela aproximação, pela escuta e pela construção de vínculos. Ainda que momentaneamente, tais experiências podem contribuir para ressignificar a vivência da hospitalização e ampliar possibilidades de cuidado para além da lógica estritamente biomédica.

Na Terapia Ocupacional, essa perspectiva dialoga diretamente com a compreensão do cuidado a partir do cotidiano, das relações e das experiências significativas produzidas pelos sujeitos em seus contextos de vida. A interação com os animais pode favorecer participação, expressão de afetos e construção de sentidos, especialmente em situações de adoecimento e ruptura das rotinas cotidianas.

Assim, a Terapia Assistida por Animais configura-se como uma estratégia alinhada às perspectivas de humanização e integralidade em saúde, ao valorizar dimensões relacionais, afetivas e subjetivas presentes nos processos de cuidado no contexto hospitalar.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo-interpretativo, desenvolvido a partir dos pressupostos da pesquisa-ação. Segundo Thiollent (2011), a pesquisa-ação caracteriza-se pela

articulação entre produção de conhecimento e participação dos pesquisadores no contexto investigado, possibilitando a compreensão dos fenômenos a partir das experiências e relações construídas no campo. Nessa perspectiva, os pesquisadores não ocuparam posição de observadores externos, mas acompanharam diretamente as ações desenvolvidas no serviço, inserindo-se na dinâmica do cuidado e das interações produzidas no contexto investigado.

O estudo foi realizado no Hospital de Urgência de Sergipe Governador João Alves Filho (HUSE), localizado em Aracaju/SE, especificamente no setor de Oncologia Pediátrica. O cenário é marcado por situações de adoecimento crônico, hospitalizações prolongadas e intensas demandas emocionais e relacionais relacionadas ao processo de tratamento.

A Terapia Assistida por Animais (TAA) já integrava as práticas desenvolvidas no serviço antes da realização da pesquisa, sendo conduzida pela terapeuta ocupacional do hospital em parceria com o Corpo de Bombeiros Militar de Sergipe. Esse aspecto constitui elemento importante do estudo, na medida em que evidencia a inserção da TAA no cotidiano institucional como estratégia de cuidado no contexto hospitalar. Assim, a pesquisa não implementou a prática, mas acompanhou ações que já aconteciam no serviço, buscando compreender os significados produzidos nas experiências vivenciadas por usuários, familiares e profissionais envolvidos no cuidado.

Participaram do estudo usuários hospitalizados em tratamento oncológico com idade igual ou superior a seis anos, familiares acompanhantes e profissionais de saúde que participaram das atividades de TAA durante o período de coleta. Foram incluídos aqueles que aceitaram participar da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e/ou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

A produção das informações ocorreu durante os dias de realização da TAA no hospital. Os pesquisadores acompanharam os encontros e observaram as interações estabelecidas entre usuários, familiares, profissionais e animais no contexto das atividades desenvolvidas. Posteriormente, foram realizadas conversas individuais com os participantes, buscando compreender suas percepções acerca da experiência com a TAA e os significados atribuídos à prática no contexto da hospitalização.

Como estratégia complementar de expressão, os usuários também foram convidados a realizar desenhos e/ou registros escritos relacionados às experiências vivenciadas durante as atividades. Além disso, familiares e profissionais de saúde participaram de conversas voltadas à compreensão de suas percepções sobre a presença da TAA no cuidado hospitalar.

As conversas foram registradas por meio de gravação de áudio, mediante autorização dos participantes, e posteriormente transcritas na íntegra. Registros fotográficos das atividades também

foram realizados, respeitando os princípios de anonimato, confidencialidade e utilização exclusiva para fins científicos.

A análise das informações foi desenvolvida a partir dos pressupostos da análise de conteúdo descritos por Minayo (2012), priorizando a compreensão dos sentidos produzidos nas narrativas e experiências dos participantes. O processo analítico envolveu leitura e organização do material empírico, identificação de temas recorrentes e interpretação das experiências relacionadas à Terapia Assistida por Animais no contexto hospitalar.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe/Campus Lagarto. Foram respeitados todos os preceitos éticos relacionados à autonomia, confidencialidade, anonimato e direito de desistência dos participantes, conforme a legislação vigente.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES**

Participaram do estudo 20 sujeitos, sendo 8 usuários em tratamento oncológico hospitalar, 7 familiares acompanhantes e 5 profissionais envolvidos no cuidado, entre eles terapeuta ocupacional, enfermeira, médica e bombeiro participante das ações de Terapia Assistida por Animais. A presença de diferentes atores no estudo possibilitou compreender a TAA a partir de múltiplas perspectivas, considerando não apenas a experiência dos usuários hospitalizados, mas também as repercussões da prática nas relações estabelecidas entre acompanhantes, profissionais e ambiente hospitalar.

No contexto da oncologia pediátrica, os acompanhantes compartilham intensamente o cotidiano da hospitalização, participando diretamente das rotinas de cuidado, dos processos terapêuticos e das experiências relacionadas ao adoecimento. Assim, suas narrativas permitiram ampliar a compreensão sobre os significados atribuídos à Terapia Assistida por Animais para além da experiência individual dos usuários, evidenciando impactos percebidos nas relações, na ambiência hospitalar e nas formas de vivenciar o cotidiano da internação.

Da mesma forma, a participação dos profissionais possibilitou compreender como a inserção da TAA atravessa as dinâmicas institucionais do cuidado, produzindo mudanças na interação entre equipe, usuários e familiares. Mais do que uma atividade complementar, a presença dos animais mobilizava aproximações, conversas e experiências relacionais que tensionavam, ainda que momentaneamente, a lógica estritamente procedimental do ambiente hospitalar.

A análise das narrativas, das observações realizadas no campo e das produções expressivas construídas pelos participantes possibilitou a organização de três eixos temáticos: (1) Humanização

do cuidado e deslocamentos produzidos pela TAA no hospital; (2) Repercussões psicossociais, relacionais e éticas da TAA; e (3) Terapia Ocupacional, cotidiano e produção de sentidos no contexto hospitalar

#### 4.2 HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO E DESLOCAMENTOS PRODUZIDOS PELA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS NO HOSPITAL

Os resultados evidenciam que a Terapia Assistida por Animais (TAA), no contexto investigado, não se restringiu a uma atividade recreativa ou complementar, mas configurou-se como uma experiência capaz de produzir deslocamentos na forma como usuários, familiares e profissionais vivenciaram o cuidado hospitalar. Em um cenário marcado por rotinas técnicas, procedimentos, exames e restrições próprias da internação, a presença dos cães favoreceu a construção de experiências de cuidado menos centradas exclusivamente na doença e mais abertas à expressão de afetos, memórias, vínculos e formas de participação.

Essa compreensão dialoga com os pressupostos da Política Nacional de Humanização, ao reconhecer que o cuidado em saúde não se reduz à aplicação de tecnologias duras ou à execução de protocolos, mas se realiza também por meio da escuta, do acolhimento, da corresponsabilização e da valorização dos sujeitos envolvidos no processo terapêutico (Brasil, 2006; Brasil, 2010). Nessa perspectiva, a TAA pode ser compreendida como uma prática que favorece tecnologias leves do cuidado, na medida em que mobiliza vínculo, presença, comunicação e reconhecimento da singularidade.

A fala do Participante XVI expressa esse deslocamento ao afirmar que:

*“As crianças passam dias repetindo a alegria do momento da visita dos cães, então a TAA promove bem-estar, minimiza os impactos da hospitalização, faz o paciente, viajar um pouco para casa, para o contato com aquilo que eles têm em casa” (Participante XVI).*

O relato permite compreender que a experiência com os animais ultrapassa o momento pontual da visita. Ao “viajar um pouco para casa”, o usuário é simbolicamente reconectado a dimensões do cotidiano interrompidas pela hospitalização. A TAA, nesse sentido, não atua apenas como distração, mas como mediadora de continuidade biográfica, reativando lembranças, vínculos e pertencimentos que resistem à redução do sujeito à condição de paciente.

Essa dimensão é particularmente relevante em contextos oncológicos hospitalares, nos quais o tratamento frequentemente impõe rupturas na vida cotidiana, afastamento dos espaços familiares, interrupção de atividades significativas e reorganização das relações sociais. A presença do animal

introduz no hospital elementos associados à casa, à convivência, à brincadeira e ao cuidado afetivo, permitindo que a experiência de adoecimento seja atravessada por outras formas de sentir e significar o tempo da internação.

Na micropolítica do trabalho em saúde, o cuidado é produzido no encontro e nas relações que se estabelecem entre trabalhadores, usuários e seus modos de vida. Feuerwerker (2014) contribui para essa compreensão ao destacar que as tecnologias leves, como escuta, vínculo e acolhimento, são fundamentais para transformar a experiência de cuidado. Sob essa perspectiva, a TAA atua como mediadora relacional, favorecendo aproximações, conversas e interações menos hierarquizadas entre usuários, acompanhantes e profissionais.

Essa dimensão aparece na fala do Participante XVII:

*“O cão no ambiente hospitalar é ser motivador que torna a rotina dentro de um hospital mais agradável tanto para as crianças como para os profissionais envolvidos. A presença dos animais torna o ambiente mais lúdico, o usuário fica mais disposto a colaborar” (Participante XVII).*

O relato revela que a presença do animal altera a ambiência hospitalar e favorece uma disposição relacional diferente. A colaboração mencionada não deve ser compreendida apenas como adesão ao tratamento, mas como expressão de um sujeito que se sente mais disponível para interagir, comunicar-se e participar. Essa mudança é central para a clínica ampliada, que propõe deslocar o olhar exclusivo sobre a doença para incluir a história, os vínculos, os desejos e as condições concretas de vida dos sujeitos (Brasil, 2010).

Dessa forma, a TAA cria uma cena de escolha em um contexto no qual grande parte das experiências é marcada pela obrigatoriedade: medicações, exames, procedimentos, horários e restrições institucionais. O encontro com o animal pressupõe desejo, aproximação gradual, consentimento e respeito ao tempo do usuário. Nesse intervalo, ainda que breve, o hospital deixa de ser apenas espaço de tratamento e passa a comportar também experiências de alegria, curiosidade, afeto e reconhecimento.

Essa produção de cuidado aparece de forma intensa nas falas que associam a visita dos cães à memória afetiva e à saudade dos animais deixados em casa:

*“[...] Maggie foi meu presente de Deus. Ela que me ajuda a me curar todos os dias [...]. Costumo dizer que ela é a melhor coisa que me aconteceu em toda a minha vida [...] tenho um amor e carinho enorme por animais e, inclusive, estou morrendo de saudades da minha filha, porque Maggie é a minha terapia e, hoje, vendo o cachorro que trouxeram da mesma cor dela, me fez lembrar ainda mais [...] matou um pouco da saudade que eu estou dela” (Participante VII).*

A fala evidencia que o animal visitante não é percebido apenas como presença externa ao tratamento, mas como elo com experiências anteriores de cuidado, afeto e pertencimento. Ao reconhecer no cão visitante algo de seu próprio animal, o participante reinscreve no hospital uma parte de sua história. Esse movimento mostra que a TAA pode favorecer processos de reconhecimento de si, sustentando memórias e vínculos que permanecem significativos mesmo diante da ruptura hospitalar.

A repercussão da TAA também alcança os familiares acompanhantes, que vivenciam a internação de modo intenso e, muitas vezes, silencioso. As falas “*Essa cachorra foi a terapia da gente*” (Participante VIII) e “*É muito bom. Ele ficou feliz em lembrar da cadela dele e eu também*” (Participante VI) indicam que a experiência não se limita ao usuário hospitalizado, mas alcança a rede afetiva que sustenta o cuidado cotidiano. Nesse sentido, a TAA opera como experiência compartilhada, produzindo acolhimento também para aqueles que acompanham o sofrimento, a espera e as incertezas do tratamento.

Portanto, os resultados apontam que a TAA contribui para humanizar o cuidado ao produzir brechas na rotina hospitalar, favorecer vínculos e reinscrever o sujeito em sua história. Mais do que suavizar a internação, a presença dos animais possibilita que usuários e familiares vivenciem momentos em que a doença deixa de ocupar o centro absoluto da experiência. Nesses encontros, emergem memórias, afetos, risos e narrativas que recolocam em cena a vida cotidiana, mesmo em meio ao tratamento oncológico.

#### 4.3 REPERCUSSÕES PSICOSSOCIAIS, RELACIONAIS E ÉTICAS DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS

As narrativas analisadas indicam que a TAA produziu repercussões percebidas em diferentes dimensões da experiência de hospitalização. Os participantes relataram alegria, conforto, sensação de companhia, maior disposição para interação e diminuição do medo em momentos difíceis do tratamento. Esses achados dialogam com estudos que descrevem contribuições das intervenções assistidas por animais no contexto hospitalar, especialmente no que se refere ao acolhimento, à interação social, ao conforto emocional e à humanização do cuidado (Kobayashi et al., 2009; Lima; Souza, 2018; Milhomem; Calefi; Marodin, 2018).

Contudo, é necessário evitar uma leitura reducionista desses resultados. As repercussões da TAA não devem ser compreendidas apenas como respostas emocionais imediatas ou efeitos fisiológicos isolados. O que se observa, neste estudo, é que a presença dos animais reorganiza a cena

do cuidado, modifica a ambiência, favorece a comunicação e cria condições para que o usuário se posicione de outro modo diante da hospitalização.

Um achado relevante refere-se ao fato de que a TAA produz efeitos percebidos antes, durante e após o encontro com o animal. Antes da visita, mobiliza expectativa e esperança; durante a interação, favorece aproximação, toque, brincadeira e expressão emocional; após a saída dos cães, permanece como lembrança, comentário, imagem e narrativa compartilhada entre usuários, familiares e equipe.

A fala do Participante IV expressa esse efeito de antecipação:

*“É muito bom [...], eu ‘tava’ torcendo para vir hoje para ver se melhorava o humor dele”  
(Participante IV).*

A expectativa pela visita já reorganiza o cotidiano hospitalar, criando um horizonte positivo em meio à repetição de procedimentos e à imprevisibilidade do tratamento. Esse dado é importante porque mostra que a TAA não se restringe ao instante da intervenção, ela produz uma temporalidade própria, marcada pela espera, pelo encontro e pela memória.

Durante a interação, os participantes apontaram que a presença do animal favoreceu conforto, distração diante da dor e maior abertura emocional:

*“No caso, por exemplo, antes de uma intervenção ou medicação, a presença do Zumbi pode acalmar a criança aliviando o medo. Elas têm a possibilidade de acariciar ou fazer carinho no cão, que ajudam a reduzir o estresse, melhorando sua disposição emocional”  
(Participante XVIII).*

Essa fala revela que o animal atua como mediador de segurança emocional. O toque, o carinho e a possibilidade de brincar deslocam parcialmente o foco da dor e do medo, permitindo ao usuário experimentar uma relação não ameaçadora em um ambiente frequentemente associado a procedimentos invasivos. Nessa cena, o cuidado não se dá apenas pela intervenção profissional direta, mas pela construção de um ambiente relacional capaz de acolher a vulnerabilidade.

Após o encontro, os relatos indicam permanência dos efeitos percebidos no cotidiano da internação:

*“[...] a gente consegue ver no resto da manhã, no resto da tarde [...] a gente visualiza essa melhora no humor do paciente” (Participante XIX).*

*“[...] o impacto se estende, os pacientes passam os dias subsequentes comentando, mostrando fotos, outros fazem desenhos [...]” (Participante XX).*

Essas falas indicam que a TAA produz registros simbólicos que permanecem para além da sessão. Fotos, desenhos, comentários e lembranças tornam-se formas de prolongar a experiência e criar referências positivas em um cotidiano frequentemente marcado por dor, espera e procedimentos. A intervenção, portanto, não se encerra no contato com o animal; ela continua circulando nas narrativas, nos vínculos e nas formas de habitar o hospital.

A dimensão coletiva também se destacou. A presença dos animais favoreceu conversas, risos e aproximação entre sujeitos que, muitas vezes, permanecem vinculados apenas pelas rotinas institucionais. Como relatou o Participante XVIII:

*“A presença do nosso cão ajuda a criar laços sociais, estimulando conversas, risos e o sentimento de inclusão” (Participante XVIII).*

Essa dimensão relacional é central para compreender a TAA como prática de cuidado. Ao introduzir um terceiro elemento na cena hospitalar, o animal funciona como mediador de comunicação. Ele facilita interações entre crianças, familiares e profissionais, reduz distâncias e cria possibilidades de encontro que nem sempre emergem nas interações tradicionais do serviço.

Outro aspecto fundamental refere-se à dimensão ética da prática. A TAA somente pode ser compreendida como cuidado humanizado quando respeita simultaneamente a autonomia dos usuários, a segurança sanitária, o bem-estar animal e os limites de todos os envolvidos. Diretrizes internacionais, como as da IAHAIO, ressaltam que intervenções assistidas por animais devem ser planejadas, supervisionadas e comprometidas com a saúde e o bem-estar humano e animal (IAHAIO, 2018).

Nesse sentido, a fala do Participante XVIII evidencia um princípio ético indispensável: *“a aproximação do cão ou não, é decisão do paciente, não forçamos ninguém, respeitamos o espaço e o tempo de cada um [...]”*.

O respeito ao desejo, ao medo e à recusa do usuário diferencia a TAA de práticas impositivas. A humanização não está apenas na presença do animal, mas no modo como essa presença é conduzida. Se não houver consentimento, cuidado com os limites e leitura das respostas do usuário, a prática pode deixar de ser acolhedora e tornar-se invasiva.

Da mesma forma, o cuidado com os animais não pode ser tratado como elemento secundário:

*“[...] O bem-estar dos animais, respeitando o limite, medidas profiláticas [...] 6 vacinas [...] visitas semanais do médico veterinário [...]” (Participante XVIII).*

Esse relato reforça que a TAA exige planejamento, protocolos e responsabilidade. A segurança sanitária, a avaliação comportamental, o acompanhamento veterinário e o respeito ao limite dos animais constituem dimensões éticas da intervenção. Não há cuidado integral quando uma prática voltada ao bem-estar humano desconsidera o bem-estar animal.

Assim, os resultados indicam que a TAA produz repercussões psicossociais e relacionais relevantes, mas sua potência depende da forma como é organizada e conduzida. Trata-se de uma prática complexa, que articula vínculo, ambiência, comunicação, segurança e ética. Ao tensionar a centralidade exclusiva do procedimento técnico, a TAA evidencia que o cuidado hospitalar também se produz na qualidade dos encontros, na abertura ao sensível e na sustentação de experiências significativas durante a internação.

#### 4.4 TERAPIA OCUPACIONAL, COTIDIANO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO CONTEXTO HOSPITALAR

A Terapia Ocupacional oferece uma leitura fundamental para compreender os resultados deste estudo, na medida em que toma o cotidiano, as atividades e a participação como dimensões centrais da vida humana. No contexto hospitalar, especialmente em internações prolongadas, o adoecimento não afeta apenas o corpo biológico, mas interrompe rotinas, restringe escolhas, modifica papéis sociais e fragiliza experiências que sustentam identidade e pertencimento.

Nesse sentido, a hospitalização pode produzir processos de despersonalização, nos quais o sujeito passa a ser reconhecido prioritariamente pelo diagnóstico, pelo leito ou pelo procedimento. Para a Terapia Ocupacional, essa redução compromete dimensões essenciais do viver, pois limita a participação, a autonomia e a continuidade das experiências cotidianas. Autoras como Galheigo (2020) e Barros (2004) contribuem para sustentar essa compreensão ampliada do cuidado, ao situarem a Terapia Ocupacional no compromisso com a vida cotidiana, a participação social e a produção de sentido em contextos adversos.

A fala do Participante XVI explicita esse processo:

*“[...] durante a internação, passam por um processo de despersonalização. Passam a ser a criança com uma doença. O desempenho ocupacional é afetado, brincar, lazer, ir para a escola, AVD, tudo comprometido [...]”.*

Esse relato é central porque desloca a análise da TAA do campo da simples melhora emocional para o campo da vida cotidiana. A criança hospitalizada não perde apenas a saúde; perde temporariamente espaços, tempos, vínculos, brincadeiras, escola, convivência e modos habituais de

existir. A intervenção, portanto, precisa ser compreendida não apenas como recurso de alívio, mas como possibilidade de reinscrever experiências significativas no cotidiano hospitalar.

Dessa forma, a TAA pode ser compreendida como estratégia que favorece participação, escolha e expressão. Ao tocar o animal, brincar, conversar sobre seus pets, lembrar da casa, sorrir, desenhar ou narrar a experiência, o usuário deixa de ocupar apenas a posição de quem recebe procedimentos e passa a participar de uma cena relacional. Esse deslocamento é especialmente importante para a Terapia Ocupacional, pois recoloca o sujeito no campo do fazer, do sentir e do narrar.

A fala do Participante IX expressa essa dimensão:

*“Eu acho ótimo a presença dela, pois traz alegria e paz para todos, fora que faz com que vejamos o amor puro dos animais por nós e a grande importância em nossas vidas, tanto para nos alegrar, como para fazer companhia a nós com seu amor puro e inocente”.*

Mais do que um relato de satisfação, essa fala revela a presença do animal como experiência de companhia e pertencimento. A alegria e a paz mencionadas não aparecem de forma abstrata, elas emergem de uma relação concreta, corporal e afetiva, que permite ao sujeito experimentar cuidado em uma linguagem distinta da linguagem técnica.

A Terapia Assistida por Animais também rompe expectativas cristalizadas sobre o hospital como espaço exclusivamente associado à dor, à espera e ao procedimento. O Participante XII afirma:

*“[...] Foi uma sensação incrível [...] nunca imaginaria ver uma cachorrinha em hospital [...] alegrou muito o meu dia. Minha mãe amou muito”.*

A surpresa diante da presença do animal mostra que a TAA altera o modo como o hospital é percebido. Ao introduzir um elemento inesperado e afetivo no cotidiano institucional, a prática permite que o espaço hospitalar seja vivido também como lugar de encontro, vínculo e experiência significativa. Para a Terapia Ocupacional, esse aspecto é essencial, pois o cotidiano não deixa de existir durante a internação, ele é transformado, restringido e, por isso mesmo, precisa ser sustentado de outros modos.

Em Benetton (2010), o processo terapêutico se constrói na relação entre terapeuta ocupacional, sujeito e atividades, considerando a produção de sentido e a historicidade dos sujeitos. No caso da TAA, o animal não substitui a atividade nem o terapeuta, mas pode compor a cena terapêutica como mediador relacional na relação triádica, favorecendo expressão, vínculo e participação.

Essa leitura é particularmente importante porque evita reduzir a TAA a um “recurso” isolado. No campo da Terapia Ocupacional, o valor terapêutico da prática não está apenas na presença do animal, mas na forma como essa presença é manejada no encontro, nas atividades propostas, nas narrativas mobilizadas e nas possibilidades de participação produzidas com cada sujeito. Assim, a TAA ganha sentido quando articulada ao cuidado singular, à escuta e à leitura das necessidades concretas do usuário no contexto hospitalar.

Os resultados deste estudo indicam, portanto, que a TAA contribuiu para sustentar experiências de vida em meio à hospitalização oncológica. Ao favorecer memórias, afetos, brincadeiras, conversas e escolhas, a prática possibilitou brechas de cotidiano dentro da instituição. Essas brechas não eliminam o sofrimento nem substituem o tratamento clínico, mas ampliam as formas de cuidado ao reconhecer que o sujeito hospitalizado continua sendo alguém com história, vínculos, desejos e modos próprios de existir.

Dessa forma, a Terapia Assistida por Animais, quando conduzida de modo ético, planejado e articulado à equipe, pode constituir uma estratégia relevante para a Terapia Ocupacional no contexto hospitalar. Sua contribuição reside na possibilidade de ampliar o cuidado para além do corpo adoecido, sustentando experiências relacionais, afetivas e ocupacionais que reafirmam a integralidade da vida mesmo em contextos de adoecimento grave.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados deste estudo evidenciam que a Terapia Assistida por Animais, quando desenvolvida de forma ética, planejada e integrada ao serviço hospitalar, amplia as possibilidades de cuidado no contexto da oncologia pediátrica. Mais do que uma atividade complementar, a TAA mostrou-se capaz de produzir experiências relacionais e afetivas que atravessam a vivência da hospitalização, mobilizando vínculos, memórias, acolhimento e formas de participação no cotidiano hospitalar.

As narrativas dos participantes revelaram que a presença dos animais favoreceu momentos de aproximação, conforto emocional, comunicação e compartilhamento de experiências entre usuários, familiares e profissionais. Em um contexto marcado por procedimentos, restrições e sofrimento, os encontros com os cães introduziram elementos do cotidiano e da vida fora do hospital, permitindo que lembranças, afetos e histórias pessoais voltassem a circular no ambiente institucional.

Os resultados indicam ainda que a TAA contribuiu para tensionar processos de despersonalização frequentemente presentes em internações prolongadas. Ao lembrar seus animais, falar de suas casas, brincar, sorrir ou simplesmente escolher aproximar-se do cão, os usuários puderam

experimentar modos de participação que ultrapassavam a posição restrita de paciente. Nesse sentido, a intervenção favoreceu experiências de continuidade da vida cotidiana mesmo em meio às rupturas produzidas pelo adoecimento e pela hospitalização.

Sob a perspectiva da Terapia Ocupacional, esses achados reforçam a importância de práticas que sustentem o cotidiano, as ocupações significativas e a produção de sentidos em contextos de cuidado. A TAA mostrou-se alinhada a uma compreensão ampliada do cuidado em saúde ao favorecer experiências de encontro, vínculo e participação, reconhecendo os sujeitos para além de sua condição clínica.

Outro aspecto relevante refere-se à dimensão coletiva da intervenção. Os resultados demonstraram que os efeitos da TAA não se restringiram aos usuários hospitalizados, mas repercutiram também nos acompanhantes e profissionais, produzindo mudanças na ambiência do setor e nas relações construídas no cotidiano do cuidado. Assim, a humanização não apareceu apenas como princípio abstrato, mas como experiência concreta produzida nos encontros entre sujeitos, animais e equipe.

A pesquisa também evidenciou que a realização da TAA exige compromisso ético rigoroso, tanto em relação à autonomia e ao consentimento dos usuários quanto ao cuidado e bem-estar dos animais envolvidos. O respeito aos limites, às recusas, às singularidades e aos protocolos de segurança mostrou-se condição fundamental para que a prática se constitua efetivamente como cuidado humanizado.

Dessa forma, a Terapia Assistida por Animais pode ser compreendida como uma estratégia que amplia as possibilidades de cuidado no ambiente hospitalar ao favorecer experiências relacionais, afetivas e significativas durante a internação. Mais do que interromper momentaneamente a rotina hospitalar, a TAA possibilitou a produção de pequenas brechas no cotidiano institucional, nas quais o sujeito pôde ser reconhecido em sua história, em seus vínculos e em seus modos próprios de existir.

Em tempos nos quais a técnica frequentemente ocupa o centro do cuidado, reafirmar o valor do encontro, do vínculo e do cotidiano também se constitui como defesa da vida em sua complexidade. As experiências produzidas pela Terapia Assistida por Animais revelam que o cuidado não se encerra no corpo biológico nem nos procedimentos técnicos, mas se constrói também na escuta, no acolhimento, na presença e nas relações que sustentam sentidos mesmo em contextos atravessados pela dor. Talvez seja justamente nessa delicada convivência entre técnica e afeto, entre ciência e encontro, que o cuidado possa se tornar verdadeiramente integral.

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos usuários, familiares e profissionais de saúde que participaram deste estudo e compartilharam suas experiências durante o processo de cuidado. Agradecem também ao Hospital de Urgência de Sergipe Governador João Alves Filho (HUSE) pela acolhida e apoio à realização da pesquisa, bem como à terapeuta ocupacional responsável pelas ações de Terapia Assistida por Animais e ao Corpo de Bombeiros Militar de Sergipe pela parceria e desenvolvimento da prática no contexto hospitalar. Um agradecimento especial aos cães envolvidos nas intervenções, cuja presença possibilitou encontros marcados por afeto, acolhimento e cuidado.

## REFERÊNCIAS

- AYRES, J. R. de C. M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 16-29, set./dez. 2004.
- BARROS, D. D. Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 90–97, 2004.
- BEETZ, A. *et al.* Psychosocial and psychophysiological effects of human–animal interactions: the possible role of oxytocin. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 3, art. 234, p. 1–15, 2012.
- BENETTON J. O encontro do sentido do cotidiano na Terapia Ocupacional para a construção de significados. *Revista do Centro de Especialidades em Terapia Ocupacional*, 12 p. 32-39, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização (PNH): HumanizaSUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. HumanizaSUS: política nacional de humanização – a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- FEUERWERKER, L. C. M. Micropolítica e saúde: produção do cuidado, gestão e formação. 1. ed. Porto Alegre: Editora Rede UNIDA, 2014. Disponível em: [https://www.saude.sp.gov.br/resources/humanizacao/biblioteca/dissertacoes-e-teses/micropolitica\\_e\\_saude\\_laura\\_camargo.pdf](https://www.saude.sp.gov.br/resources/humanizacao/biblioteca/dissertacoes-e-teses/micropolitica_e_saude_laura_camargo.pdf). Acesso em: 22 de junho de 2025.
- GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 28, n. 1, p. 5–25, 2020.
- IAHAIO – International Association of Human-Animal Interaction Organizations. The IAHAIO definitions for animal assisted intervention and guidelines for wellness of animals involved, 2018. Disponível em: [https://iahaio.org/wp/wp-content/uploads/2018/04/iahaio\\_wp\\_updated-2018-final.pdf](https://iahaio.org/wp/wp-content/uploads/2018/04/iahaio_wp_updated-2018-final.pdf). Acessado em: 04 de dezembro de 2025.
- JOFRÉ, L. M. Visita terapéutica de mascotas en hospitales. *Revista Chilena Infectología*, Santiago, v. 22, n. 3, p. 257-263, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.cl/pdf/rci/v22n3/art07.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2025.
- KOBAYASHI, C. T. et al. Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 62, n. 4, p. 632-636, jul./ago. 2009.
- LIMA, A. S.; SOUZA, M. B. Os benefícios apresentados na utilização da terapia assistida por animais: revisão de literatura. *Revista Saúde e Desenvolvimento*, v. 12, n. 10, p. 1-16, 2018.
- MERHY, E. E. *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MILHOMEM, A. C. M.; CALEFI, M. P. S. S.; MARODIN, N. B. Visita terapêutica de cães a pacientes internados em uma unidade de cuidados paliativos. *Comunicação em Ciências da Saúde*, v. 29, n. 1, p. 84-87, 2018.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621–626, mar. 2012. DOI: 10.1590/S1413-81232012000300007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFf/>. Acesso em: 09 de julho de 2025.

PEREIRA FILHO, P. R. P. *et al.* Atividade assistida por animais na unidade de terapia intensiva. *Revista Qualidade HC, Ribeirão Preto*, n. 459, p. 2-5, 2019. Disponível em: <https://hcrp.usp.br/revistaqualidade/uploads/Artigos/459/459.pdf>. Acesso em: 26 de maio de 2025.

SILVEIRA, N. da. *O mundo das imagens*. Rio de Janeiro: Ática, 1992.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez,